

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Laura Isabel Dos Santos Flores

TERRITÓRIOS PEDAGÓGICOS: O FUTEBOL DO QUILOMBO DA FAMÍLIA
FLORES COMO LINGUAGEM PARA A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

PORTO ALEGRE

2022

CIP - Catalogação na Publicação

dos Santos Flores, Laura Isabel
TERRITÓRIOS PEDAGÓGICOS: O FUTEBOL DO QUILOMBO DA
FAMÍLIA FLORES COMO LINGUAGEM PARA A EDUCAÇÃO
GEOGRÁFICA / Laura Isabel dos Santos Flores. -- 2022.
43 f.
Orientadora: Cláudia Luísa Zeferino Pires.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus
Litoral Norte, Licenciatura em Geografia, Tramandaí,
BR-RS, 2022.

1. Educação geográfica. 2. Quilombo da Família
Flores. 3. Território. 4. Futebol. 5. Educação
antirracista . I. Zeferino Pires, Cláudia Luísa,
orient. II. Título.

TERRITÓRIOS PEDAGÓGICOS: O FUTEBOL DO QUILOMBO DA FAMÍLIA
FLORES COMO LINGUAGEM PARA A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Geografia
do Instituto de Geociências da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul como
pré-requisito parcial para obtenção do grau
de licenciado em Geografia.

Aluna: Laura Isabel dos Santos Flores

Orientadora: Prof^a. Dra. Cláudia Luísa
Zeferino Pires

Banca Examinadora

Prof. Anderson Goulart Ferreira

Me. Lara Machado Bitencourt

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos e todas que acompanharam minha caminhada até aqui, em presença e em alma. Agradeço a quem veio antes de mim e proporcionou que hoje eu pudesse ocupar esse lugar e sorrindo, abro as portas para quem vem nas próximas gerações.

Agradeço à minha mãe Clara, por ser minha primeira e maior inspiração, por ser uma fonte inesgotável de aprendizagem e amor. Agradeço à minha irmã Lara, por cuidar e me incentivar. Agradeço ao meu irmão André, por mostrar como é possível ser uma pessoa boa nesse mundo. Agradeço ao meu pai Waldomiro, por encontrar formas de plantar afeto. Agradeço aos tios e tias, primos e primas, madrinhas e afilhados, pelas presenças e amores que me acolhem e abraçam.

Agradeço aos meus avós que já foram, mas deixaram para sempre memórias com cheiro de infância, as quais me aquecem em dias frios. Agradeço à Nona, por cada vez que me curou com um chá com folhas de pitanga e me olhou com amor. Agradeço ao Nono por me ensinar tanto de vida, debaixo da caneleira, olhando a paisagem e inspirando uma geografia nas pequenas coisas. Vocês foram e são meus primeiros e mais potentes professores, agradeço por todo amor, carinho e por cada vez que me salvaram.

Agradeço à Carol, por sempre me ouvir, acreditar e compartilhar dos dias de lutas e dos dias de glória. Adoro saber que já éramos amigas antes de sabermos quem nós éramos. Agradeço ao Zinho e Ravel, por fazerem sempre as Lurdes gargalharem.

Agradeço aos meus amigos, que dentre todos os presentes da geografia, foram os melhores. Dafne, que bom encontrar alguém que é espelho, casa e abraço. Felipe, minha dupla, que honra dividir esses anos de graduação contigo, entre trabalhos, músicas e cuidado. Maria e Isa, que bom ter tido a oportunidade de trocar e somar com vocês. Marcelo, obrigada por toda parceria de sempre.

Agradeço ao Núcleo de Estudos Geografia e Ambiente (NEGA) pela acolhida, pelos ensinamentos e tantas oportunidades de me deparar com o novo, fazendo e refazendo uma cidadã. Agradeço à professora Cláudia, por ter me achado e feito eu me achar nesse meio tão grande que é a geografia, por todo afeto e cuidado. Agradeço à Lara, pelas palavras que inspiram e incentivam. Agradeço a Laisa e Diego, pelos abraços, desabafos e risos compartilhados.

Agradeço ao Anderson, por ter me apresentado a geografia na escola e por continuar me apresentando formas de fazê-la. Para além da geografia, agradeço por continuar presente em minha vida e por todo cuidado. Agradeço aos demais professores e professoras que somaram na minha caminhada até aqui, em especial a Hanni, Mateus e Nelene. Agradeço à Escola Estadual de Ensino Fundamental 9 de Outubro por ser minha segunda casa durante bons anos e também em um dos estágios da licenciatura.

Agradeço ao Quilombo da Família Flores, em especial à Geneci, pela oportunidade deste trabalho de conclusão de curso, pela acolhida e pelos ensinamentos.

O ar e o vento

Pelos caminhos vou, como o burrinho de São Fernando, um pouquinho a pé e outro pouquinho andando.

Às vezes me reconheço nos demais. Me reconheço nos que ficarão, nos amigos abrigos, loucos lindos de justiça e bichos voadores da beleza e demais vadios e malcuidados que andam por aí e que por aí continuarão, como continuarão as estrelas da noite e as ondas do mar. Então, quando me reconheço neles, eu sou ar aprendendo a saber-me continuado no vento.

Acho que foi Vallejo, César Vallejo, que disse que às vezes o vento muda o ar.

Quando eu já não estiver, o vento estará, continuará estando.

(GALEANO, 2017, p.269)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o futebol como linguagem para educação geográfica, a partir das práticas realizadas pela liderança quilombola Geneci de Lourdes Flores. Analisando e compreendendo o papel do futebol na educação geográfica, nas relações de afirmação territorial do Quilombo da Família Flores localizado no bairro Glória, na zona Sul de Porto Alegre, bem como, as colaborações de Geneci, professora de futebol para uma educação antirracista e não sexista. A elaboração do presente trabalho foi feita a partir de atividades de campo realizadas junto ao Núcleo de Estudos Geografia e Ambiente (NEGA/UFRGS) para o desenvolvimento de cartografias sociais, e posteriormente, revisões bibliográficas no campo da geografia, educação geográfica e educação. Através da pesquisa-ação e da análise qualitativa do discurso de Geneci, foi possível encontrar elementos que contribuem para a educação geográfica, de modo a apresentar neste trabalho um instrumento pedagógico e político à educação quilombola e EREER.

Palavras-chave: Educação geográfica; Futebol; Território; Educação antirracista; Quilombo da Família Flores.

RESUMEN

La presente investigación tiene como objetivo el análisis del fútbol como lenguaje para la educación geográfica, a través de las prácticas realizadas por la líder del palenque Geneci de Lourdes Flores. Analizar y comprender el papel del fútbol en la educación geográfica, en las relaciones de afirmación territorial del Quilombo¹ da Família Flores en el barrio de Glória, en el sur de Porto Alegre, así como las colaboraciones de Geneci, una profesora de fútbol para la lucha feminista antirracista. El desarrollo de esa investigación se hizo a través de actividades de campo realizadas con el Núcleo de Estudos de Geografia e Ambiente (NEGA/UFRGS) para la elaboración de cartografías sociales, y posteriormente, revisiones bibliográficas en el campo de la geografía, la educación geográfica y la educación. Conque, partiendo de la investigación-acción y el análisis cualitativo del discurso de Geneci, fue posible detectar elementos que contribuyen a la educación geográfica, de modo a convertir esa investigación en un instrumento pedagógico y político.

Palabras clave: Educación geográfica; Fútbol; Territorio; Educación antirracista; Quilombo da Família Flores.

¹ La palabra Quilombo en portugués hace referencia al nombre de la comunidad, por lo que no hubo traducción. Sin embargo, la traducción más adecuada de Quilombo se puede definir con la palabra Palenque que significa territorios de resistencia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa da localização dos quilombos urbanos de Porto Alegre	14
Figura 2: Valores Civilizatórios Afro-brasileiros	15
Figura 3: Mapa de localização do Quilombo da Família Flores no bairro Glória	16
Figura 4: Mapa de perícia do Quilombo da Família Flores em 1978	19
Figura 5: Mapa de deslocamento de Geneci no Bairro Glória	35

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: A matriarca Rosalina Flores segundo a certificação quilombola e a Família Flores	17
Imagem 2: Campo do Caveira	20
Imagem 3: Trabalho de campo no Quilombo da Família Flores	22
Imagem 4: Sonhando em ser uma jogadora de futebol	31
Imagem 5: Geneci de Lourdes Flores, em protesto acerca dos impactos da COVID-19 no Quilombo da Família Flores	33
Imagem 6: Treino do time de futebol do Projeto Geração Tigres F.C.	36

SUMÁRIO

1. VIAGEM ATÉ O PRESENTE	11
1.2 Porto Alegre: cidade quilombola	13
1.3 O Quilombo da Família Flores	16
2. PERCURSOS DO FAZER METODOLÓGICO	21
2.1 Escolha do tema e definição dos objetivos	21
2.2 Roteiro e análise da narrativa	22
2.3 Revisão bibliográfica e organização dos capítulos	24
2.4 Breve história sobre o futebol feminino no Brasil	24
3. TRAÇANDO CAMINHOS PARA O CAMPO	27
3.1 O futebol e a geografia	30
4. O FUTEBOL COMO MEIO DE CAMPO PARA A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA A PARTIR DO QUILOMBO DA FAMÍLIA FLORES	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40

1. VIAGEM ATÉ O PRESENTE

“Geografia

Onde não sei se por sorte ou por castigo, dei de parar

Por algum tempo

Que afinal passou depressa, como tudo tem de passar

Hoje eu me sinto

Como se ter ido fosse necessário para voltar

Tanto mais vivo

De vida mais vivida, dividida pra lá e pra cá”

(Adaptado de Gilberto Gil, 1972)

O presente trabalho surge a partir do encontro e da vontade de me reencontrar com as duas maiores coletividades que me incorporo: primeiramente, o futebol, e mais tarde, a geografia. Na busca por um percurso que entrelace as diversas geografias, a educação geográfica e as pedagogias encontradas nos territórios, que estão mapeadas nos corpos vividos que as compartilham. Para guiar essa busca, cabe detalhar, brevemente, minha trajetória até o desejo que desperta este trabalho.

Na escola, primeiro me apaixonei pelo futebol e pela capacidade de comunicar que este possui. Comunicar revoltas que seguem latentes, como a falta da presença da mulher no futebol ou a invisibilização desta no esporte. Nessas inquietações iniciais, que hoje compreendo como fundamentais na minha formação cidadã e política no mundo como mulher, percebo os desassossegos que viriam potencializar meu caminho geográfico, iniciado também na escola. A geografia me encontrou logo que ingressei na Escola Estadual de Ensino Médio 9 de Outubro, localizada no município de Portão/RS e tive o privilégio de ter a geografia apresentada pelo professor Anderson Goulart Ferreira, que fazia das aulas, um momento de voos e pousos. Oportunizando que eu viajasse por meio dessa ciência, cruzando com perguntas e respostas, chegando na certeza que eu gostaria de despertar essas vontades em outros seres.

Em 2018, iniciei o curso de Graduação em Licenciatura em Geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Cabe destacar, que oriunda de um município pequeno como Portão, com cerca de 38 mil habitantes (IBGE, 2021),

localizado na Região Metropolitana de Porto Alegre, são poucas as opções de educação pública, sendo a UFRGS, distante aproximadamente 45 km, a mais próxima e a única universidade da região a ofertar o curso de geografia na modalidade presencial.

No mesmo ano de ingresso na UFRGS, passei a integrar o Núcleo de Estudos Geografia e Ambiente (NEGA/UFRGS), no projeto de extensão Tambores de Oxum e Educação Geográfica no Quilombo dos Alpes. É através do NEGA que este trabalho tem seu ponto de partida, entre pesquisa, ensino e extensão, encontro aqui, uma das tantas geografias possíveis de se fazer e refazer.

A partir de trabalhos de campo, vivências, trocas e da escrita coletiva para compor o Atlas da Presença Quilombola em Porto Alegre, lançado em novembro de 2021, pude definir as motivações para esta escrita. Com o caminho até aqui traçado, apresento esse trabalho como uma possibilidade para - talvez - encontrar respostas e a certeza de mais questionamentos e inquietações. Teimosias que movem e fazem da Licenciatura em Geografia, o palco para discussões e atuações:

Através da produção de conhecimentos geográficos situados, junto à representação dos imaginários populares, escolhemos utilizar nosso lugar privilegiado de pesquisadoras, para a abertura e para a efetivação do diálogo de saberes com sujeitos, que querem construir outras representações e narrativas sobre si mesmos. Através do encontro das diferenças e do exercício atento da escuta dos sujeitos populares dos seus saberes-fazer é que rompemos com o olhar obediente e embranquecido de nosso saber-fazer, até então, colonizado e colonizador.”(PIRES & BITENCOURT, 2021, p. 38-39)

Desta maneira, o trabalho tem como objetivo geral analisar e compreender as pedagogias que se constroem no território quilombola em questão, assim como a geografia histórica desta comunidade, no bairro em que se localiza e no município de Porto Alegre, usando o futebol, presente na comunidade, como meio de campo para uma educação geográfica. Contando com os seguintes objetivos específicos:

1. Analisar o futebol como uma linguagem na educação geográfica;
2. Compreender como o território quilombola se insere nas atividades esportivas do bairro;
3. Analisar o papel da Geneci, uma professora de futebol, como possibilidade para uma educação territorial antirracista e não sexista.

Assim, o trabalho se justifica com base na necessidade de des-cobrir pedagogias presentes em territórios tradicionais, aqui, com destaque para o Quilombo da Família Flores, para provocar a discussão dessas pedagogias próprias como linguagem para a educação geográfica. Dessa maneira, o presente trabalho se constrói visando servir como um instrumento pedagógico e político, afirmando a presença e a territorialidade desta comunidade quilombola, assim como, das dos demais quilombos urbanos de Porto Alegre e também, uma contribuição para a educação geográfica e as geografias.

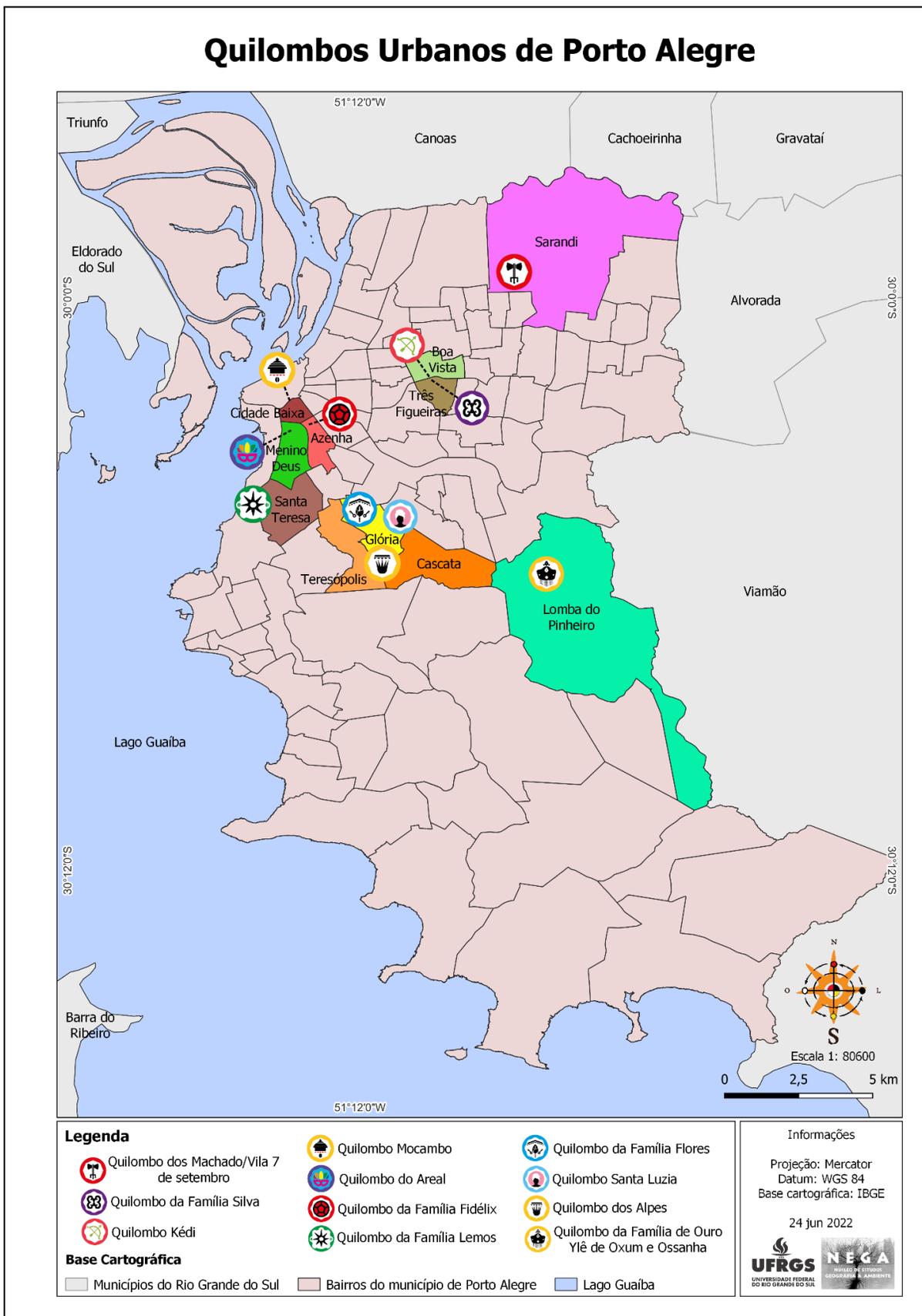
1.2 Porto Alegre: cidade quilombola

Porto Alegre, a capital de um dos estados mais racistas do Brasil, é negra. Desde sua fundação até os dias atuais, a população negra produz a cidade. Conforme Vieira:

A presença negra é conhecida na cidade de Porto Alegre/RS desde o período colonial até a atualidade. As estatísticas populacionais, os relatos dos viajantes e cronistas, as pesquisas referentes aos séculos XVIII, XIX e XX demonstram que a população negra, tanto quantitativa quanto qualitativamente, sempre foi relevante. Seja pela residência, trabalho ou realização de práticas culturais, a presença negra foi sendo marcada no espaço físico e simbólico portoalegrense. (VIEIRA, 2017, p.16)

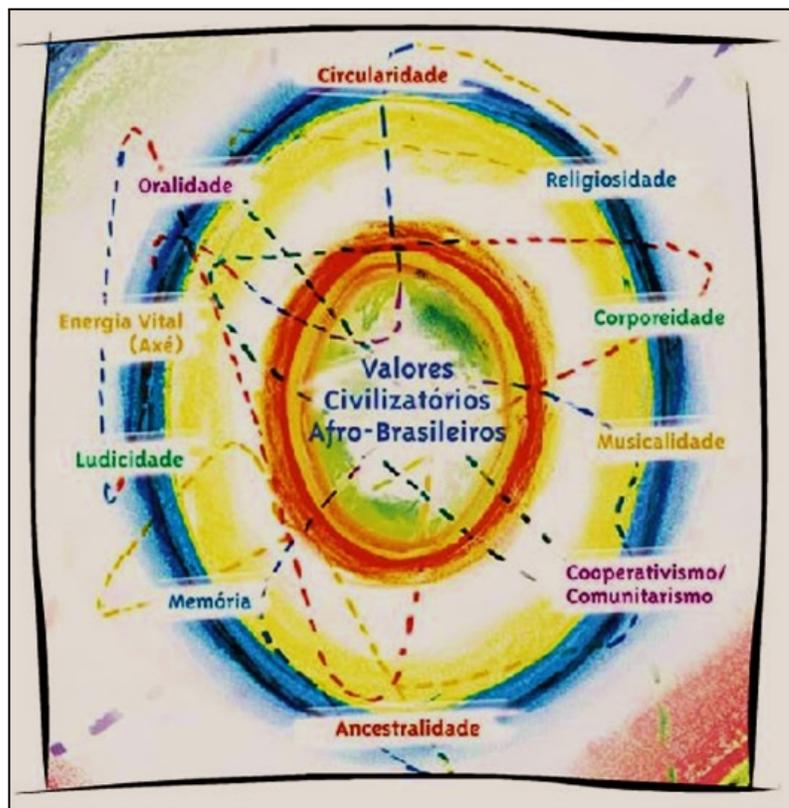
Segundo a Fundação Cultural Palmares (FCP) (2022), no estado do Rio Grande do Sul, há 137 comunidades certificadas e autorreconhecidas quilombolas e conforme o INCRA (2022), são 105 terras com processos de titulação abertos no estado. Porto Alegre é a capital brasileira com o maior número de quilombos urbanos certificados pela Fundação Cultural Palmares (Figura 1). Atualmente, são nove comunidades certificadas, entre outras, em processo de certificação. Entre essas comunidades certificadas, está o primeiro quilombo urbano titulado do Brasil, o Quilombo da Família Silva, localizado na zona norte da cidade, no bairro Três Figueiras, um dos bairros mais bem valorizados e disputados pela especulação imobiliária.

Figura 1 — Mapa da localização dos quilombos urbanos de Porto Alegre.



A cidade quilombola se manifesta na ancestralidade que conta a história de Porto Alegre, no carnaval que através da arte mantém a vitalidade da população, na preservação e manutenção do meio, no samba que canta os encantos e os desencantos, na capoeira que joga e ginga para subverter os contras, no futebol que dribla as invisibilidades, na retomada e afirmação do território, nas tradições religiosas que passam de geração em geração, nos caminhos diaspóricos traçados para se afirmar existente na cidade, na resistência de sobreviver à constante “higienização” do centro e expulsão para as periferias e nas relações étnico-raciais que conectam as teias da cidade. Estas manifestações se traduzem nos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros, listados de acordo com a professora Azoilda Trindade (2010) (Figura 2), sendo eles: circularidade, religiosidade, corporeidade, musicalidade, cooperativismo/comunitarismo, ancestralidade, memória, ludicidade, energia vital (axé) e oralidade. Estes valores costuram as relações dadas nos territórios, no cotidiano e nas aspirações das comunidades.

Figura 2 —Valores Civilizatórios Afro-brasileiros.

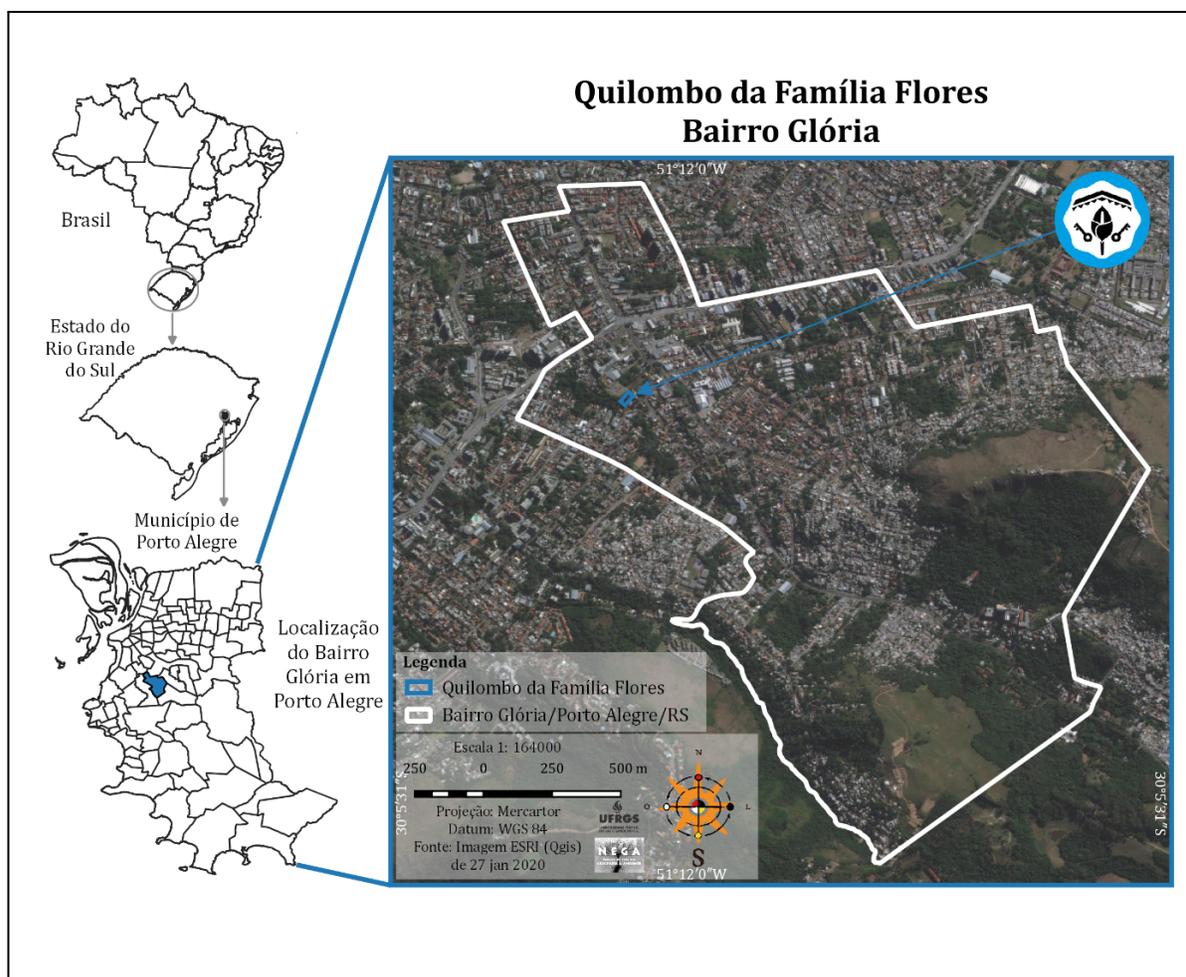


Fonte: A Cor da Cultura (2010)

1.3 O Quilombo da Família Flores

O presente trabalho busca dialogar junto ao Quilombo da Família Flores, quilombo urbano localizado na rua Manduca Rodrigues, 283, no bairro Glória, zona sul de Porto Alegre (Figura 3). A família Flores reside no território há mais de quatro décadas, desde que a matriarca Rosalina da Costa Vasconcelos, com seu pai e seus três filhos, mudaram-se para o território. A família, anteriormente, morava na Estrada dos Alpes, próximo ao Quilombo dos Alpes, também localizado no bairro Glória. A família Flores cresceu (Imagem 1). Atualmente, o quilombo é liderado politicamente e religiosamente por Geneci de Lourdes Flores e Gerson Luís Flores da Silva, respectivamente.

Figura 3 —Mapa de localização do Quilombo da Família Flores no bairro Glória.



Fonte: Atlas da Presença Quilombola em Porto Alegre (2021)

Imagem 1 — A matriarca Rosalina Flores segundo a certificação quilombola e a Família Flores.



Fonte: Atlas da Presença Quilombola em Porto Alegre. (2021)

O Quilombo da Família Flores foi a 6ª comunidade de Porto Alegre a ter seu autorreconhecimento certificado pela Fundação Cultural Palmares, no ano de 2017. Contudo desde muito antes, vem sofrendo e resistindo à constante especulação da terra que ocupa. Em 2019 o quilombo recebeu uma visita técnica do INCRA, para dar início ao Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID), relatório obrigatório para a titulação de terras, que ainda está em curso. Sendo este um processo lento, uma vez que há o desmonte do Estado para com os órgãos como o INCRA responsáveis pela titulação de terras, além do interesse de grandes empresas de empreendimentos nas terras tradicionais, que junto ao descaso do Estado, são cada vez mais presentes. .

Em 2014, a União Sul Brasileira de Educação e Ensino (USBEE) tomou parte do território do quilombo, para a expansão do estacionamento do Colégio Marista Assunção, avançando sobre o campo “Caveirinha” (Figura 4). O Campo do Caveira

(Imagem 2) foi um espaço tradicional do bairro Glória, como relembra Geneci, entrevista para o Atlas da Presença Quilombola em Porto Alegre/RS:

[...] Tinha o campinho, o Caveirinha, que antigamente não tinha tantos campos como tem agora. [...] Todo mundo jogava, vinha o pessoal do morro, o morro todo descia pra jogar. Só perguntar pro pessoal mais velho lá de cima, todo mundo vai conhecer o Caveirinha. [...] Tinha as taquaireiras do outro lado da rua, as árvores frutíferas do lado de cá e o campo ficava bem no meio. Tinha umas gramas lá, o pessoal sentava, trazia a família, as crianças ficavam brincando em volta do campo. (PIRES et al., 2021. p.274)

Figura 4 —Mapa de perícia do Quilombo da Família Flores em 1978.

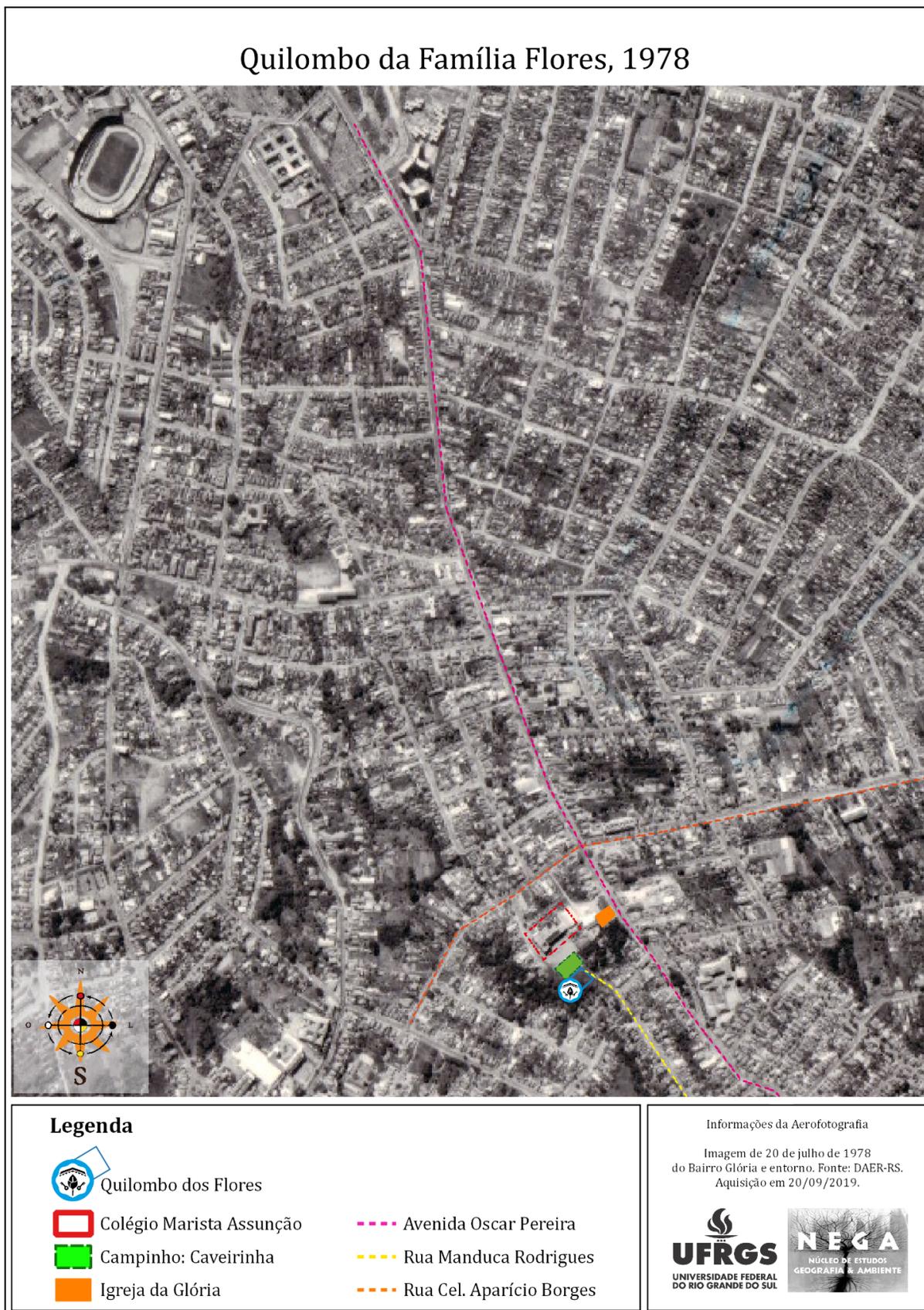


Imagem 2 —Campo do Caveira.



Fonte: Facebook Jorge Maestrinho, s/d. Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo?fbid=4288276561248672&set=gm.3003113206590610>

O local, como consta nos registros do Memória dos Bairros: a Grande Glória (PMPA, 1995), era palco de encontros futebolísticos, com jogos, criação de times e realização de torneios, com cerca de dezoito times, incluindo o time O União da Grande Glória. Para além de futebol, o campo era um lugar de encontro entre os moradores do bairro e da cidade, que nos finais de semana buscavam lazer.

Em maio de 2021, em meio a pandemia de COVID-19, o Quilombo da Família Flores sofreu outra tentativa de esbulho, desta vez, pelo lindeiro dos fundos do terreno (DERIVAS, 2021). Na ocasião, o lindeiro avançou cerca de 4 metros para dentro do território da comunidade e após ter os tapumes retirados de cima do terreno, este acionou a brigada militar, que logo atendeu o chamado do lindeiro. As constantes pressões no território evidenciam o descaso do estado para com essas comunidades, na demora do andamento da titulação das terras e perpetuada pelo racismo estrutural no Brasil.

2. PERCURSOS DO FAZER METODOLÓGICO

2.1 Escolha do tema e definição dos objetivos

Em 2019, o Núcleo de Estudos Geografia e Ambiente (NEGA) deu seguimento a uma série de trabalhos de campo em quilombos urbanos de Porto Alegre, visando a elaboração de cartografias sociais que viriam a compor o Atlas da Presença Quilombola em Porto Alegre/RS. Em julho do mesmo ano, o grupo de pesquisadoras e extensionistas foi até o território do Quilombo da Família Flores, para a primeira etapa da composição das cartografias sociais do quilombo (Figura 10). A cartografia social, pode ser compreendida como o modo de produzir mapeamento co-participativo, que busca questionar os pressupostos ocultos da ciência geográfica, por meio da ligação dos atores com o território, da construção do território pelos seus protagonistas e da mobilização dos atores através do território e seu entorno, para então, transformá-lo em mapas, uma vez que, essa produção só se dará quando os atores estão associados aos conhecimentos sobre o território e técnicos (ACSELRAD, 2008).

Para fundamentar esse modo de mapeamento co-participativo, utilizamos da metodologia de Pesquisa-ação (THIOLLENT, 2005), que tem como objetivo possibilitar meios de respostas aos problemas da situação que os atores se encontram, ou seja, ação transformadora. Tendo como base, a participação efetiva dos atores nas tomadas de decisão, na apreensão dos conhecimentos, na elaboração dos produtos e no entendimento de todo o processo de confecção deste, até seu resultado final como cartografias e os usos destas, seja como instrumento político e pedagógico.

A escolha do tema do presente trabalho se materializou a partir da participação nos trabalhos de campo no Quilombo da Família Flores citados anteriormente. Através da escuta atenta em campo e posteriormente, à gravação da entrevista obtida no mesmo dia, foi possível detectar na narrativa de Geneci, o destaque para o futebol como ferramenta de afirmação territorial e então, a oportunidade de aplicar esta, à educação geográfica, de modo a reforçar a presença e a colaboração do quilombo para a cidade e para as infinitas formas de educar geograficamente. A definição dos objetivos se deu de modo a alcançar reflexões acerca dos pontos que

adquiriram destaque no trabalho, assim como, a fim de contribuir para o Quilombo da Família Flores, a questão quilombola em Porto Alegre e a educação geográfica.

2.2 Roteiro e análise da narrativa

Em trabalho de campo para a produção da cartografia social, em 15 de junho de 2019, o grupo de pesquisadoras e extensionistas foi a campo com um roteiro prévio para a entrevista (Imagem 3). Neste “Roteiro desvendador de significados”, usado em trabalho de campo para confecção de cartografias sociais no Quilombo da Família Flores, para o Atlas da Presença Quilombola em Porto Alegre/RS, bem como, para o relatório técnico da comunidade, produzidos pelo Núcleo de Estudos Geografia e Ambiente (NEGA/UFRGS), estão elencadas questões e itens de modo a guiar e estimular os significados presentes do território. Através destas perguntas — que muitas vezes se dão de maneira orgânica a partir do pontapé inicial — os marcadores territoriais ganham forma e são sinalizados na imagem aérea levada a campo. A seguir, o quadro 1 apresenta dois tópicos do roteiro de perguntas usadas em campo, com destaque para as questões que proporcionaram a chegada até a narrativa explorada no presente trabalho.

Imagem 3 — Trabalho de campo no Quilombo da Família Flores



Quadro 1 —Roteiro desvendador de significados

2.2 Situação - Identificação de trajetos.

- a. Onde vocês moram? Nome da rua. Sempre morou aqui? (Se não) Onde morou antes? É possível marcar no mapa?
- b. Quais lugares vocês mais frequentam/gostam na comunidade e no entorno?
- c. Quais lugares vocês indicariam como mais marcantes - lugares de festejo, encontro, hortas, religioso, organização da comunidade, clube de mães - na comunidade e no entorno?
- d. Desde o momento em que você chegou na região/bairro (Respeito/Minuano) que lugares ainda permanecem? E o que foi chegando depois?
- e. Onde estão os olhos/nascentes d'água/poço/riachos?
(abrir espaço para a fala das fotos e documentos dos entrevistados).

2.3 Significado desses lugares e objetos mais importantes da comunidade - Identificação dos topônimos do quilombo pela comunidade.

- f. Qual a origem do Quilombo dos Flores?
- g. No passado, quais espaços de lazer (e atividades) eram utilizados? E hoje (se mantêm, mudou...)?
- h. No passado quais eram os tipos de atividades locais de comércio e serviços (biblioteca, cabeleireiro, bar, mercadinho...), e onde estão localizadas hoje?

Fonte: Núcleo de Estudos Geografia e Ambiente (2019), grifos da autora.

Após o trabalho de campo, a entrevista foi analisada a partir da análise de discurso de Michel Pêcheux (apud CAREGNATO; MUTTI, 2006), de modo a analisar o discurso, neste caso de Geneci, por meio de sua linguagem, história e oralidade. A análise de discurso foi aplicada para compreender metodologicamente a análise qualitativa, que permite o entendimento das informações acerca do uso da linguagem para entender as representações produzidas pela oralidade, fazendo nesta análise “[...] conjunto de procedimentos voltados à coleta de informações que envolvem o uso da linguagem, em geral objetivadas para a captura de subjetividades e/ou significados contidos nos textos produzidos” (HEIDRICH, 2016, p. 22).

2.3 Revisão bibliográfica e organização dos capítulos

A revisão bibliográfica foi realizada constantemente durante a produção do trabalho, com destaque para a leitura e produção do capítulo Quilombo da Família Flores, do Atlas da Presença Quilombola em Porto Alegre/RS. Neste capítulo, estão reunidas as cartografias e as narrativas utilizadas como referências para este trabalho. Assim como, é no Atlas, que se encontram as inspirações metodológicas para o presente trabalho, em sua concepção teórica e prática.

Para chegar no território pedagógico, baseou-se no capítulo A construção de uma comunidade pedagógica, de bell hooks, em Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade (1994). Com o propósito de, através do discurso de Geneci, assimilar o território como um lugar da educação geográfica e a construção deste, a partir da prática do futebol.

A organização e estruturação dos capítulos está constituída de modo a delinear um caminho de fora até o meio de campo de futebol. Uma vez que os capítulos estão nomeados como um caminho de fora do campo, passando pela linha de fundo, onde estão as redes que sustentaram e incentivaram as caminhadas anteriores ao curso, até chegar no meio de campo, onde está o presente: a geografia.

2.4 Breve história sobre o futebol feminino no Brasil

Para significar a prática feminina de futebol no Brasil atualmente, é necessário compreender esta, a partir da década de 1940. O futebol feminino, durante os anos de 1941 a 1983 foi proibido no Brasil, pelo Decreto-lei 3.199 de 14 de abril de 1941, onde: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.”. No decreto, não estava discriminado quais as práticas “incompatíveis” com a natureza da mulher, porém, há registros de mulheres que ao resistirem a esse decreto, foram presas. Além do futebol, outras práticas esportivas como artes marciais e pólo aquático também eram proibidas. Os esportes continuavam sendo exercidos nos campos de várzea e em locais que o Estado não fiscaliza. Em 1979, nos anos finais da ditadura militar, o Decreto-lei 3.199 foi revogado, mas o futebol permaneceu

proibido para as mulheres. Somente no ano de 1983 a prática foi regularizada. Entretanto, nos primeiros regulamentos que regiam o futebol feminino, muitos fatores desvalorizavam este, como a proibição da cobrança de ingressos para entrada das partidas.

As quatro décadas de proibição do futebol feminino no Brasil, utilizou-se de diversas desculpas para isto, como “cuidado para manter o corpo feminino afeminado”, influenciando até hoje no atraso da prática no país, com a persistência de desigualdade no salário, estrutura de treinamentos e ofertas de times. Em 2019, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol), tornaram obrigatório para times da Série A a criação e manutenção de departamentos de futebol feminino, na tentativa de diminuir a discrepância entre a prática masculina e feminina. No mesmo ano, o futebol feminino se destacou com a transmissão da Copa do Mundo de Futebol Feminino, ocorrida da França, por emissoras de televisão aberta e cobertura integral da competição. Esta edição além de ser marcada pela transmissão, também ganhou destaque pelos protestos vindos da jogadora Marta. Ao usar uma chuteira sem patrocínio a jogadora reivindicou melhores condições e patrocínios, uma vez que as propostas de patrocínios eram inferiores aos dados da seleção masculina, mesmo sendo esta, a jogadora mais premiada da história do futebol feminino, bem como, artilheira de Copas do Mundo. Já em setembro de 2020, a CBF anunciou a equiparação salarial nas premiações masculinas e femininas, sendo este um importante e primeiro grande passo para a valorização e igualdade do esporte no Brasil.

Contudo, a prática esportiva nunca deixou de ser algo estimado pelas mulheres, tendo o estado do Rio Grande do Sul como um dos pioneiros na prática após sua regularização legal. O futebol seguidamente é visto como um esporte essencialmente praticado por homens e para homens, diante disto, a prática do esporte vindo de mulheres, é uma significativa forma de resistência. Além da simples e pura prática como ato de resistência, os lugares onde esta se realiza, dizem muito a respeito. O futebol de várzea, praticado nos campos de vilas, nas associações de bairros, o futebol sem glamour, que extrapola as quatro linhas e é feito por mulheres, confrontando o patriarcado que sistematiza o futebol de maneira a não ser um lugar de mulher. Segundo Camila Guterres Casses de Oliveira e Silvana Vilodre Goellner “Ele é um artefato cultural que ensina comportamentos, valores, formas de agir.

Esses comportamentos são representados e experimentados de formas diferentes em função do contexto em que estiverem sendo vivenciados” (OLIVEIRA, 2021, p.277) e:

Certamente algumas destas mulheres transgridem ao que convencionalmente se designou como sendo próprio de seu corpo e de seu comportamento, questionam a hegemonia esportiva masculina historicamente construída e culturalmente assimilada e enfrentam os preconceitos e também as estratégias de poder que estão subjacentes a eles. (GOELLNER, 2005, p. 149)

3. TRAÇANDO CAMINHOS PARA O CAMPO

“Os conhecimentos vagueiam mundo para baixar nos corpos e avivar os seres.”

(Luiz Rufino, 2019)

Para compreender e construir o desenvolvimento de um trabalho com um quilombo urbano, liderado por uma mulher, em um campo de a uma ciência majoritariamente masculina, feita por homens e para homens, é preciso desconstruir nosso olhar, muitas vezes já naturalizado com o tradicional, e reeducar a maneira que discutimos os aspectos envolvidos nessa produção textual e por quem serão narradas:

Assim, naquilo que tem sido talvez a forma mais evidente de sua manifestação, há uma crescente insistência na ideia de que a estória (story) do mundo não pode ser contada (e nem sua geografia elaborada) apenas através dos olhos do "ocidente" (como por longo tempo foi o caso), nem do ponto de vista, por exemplo, da clássica figura (com frequência, ironicamente, ela própria essencializada) do macho branco heterossexual. Esta perspectiva insiste no reconhecimento de que estes entendimentos (através dos olhos do Ocidente ou do homem heterossexual) são eles mesmos específicos, pontos de vista locais muito particulares e não os universais como por longo tempo eles próprios propuseram. (MASSEY, 2004: 10).

Junto a vontade e urgência de burlar a produção acadêmica patriarcal, de modo a me enxergar na produção e enxergar quem me cerca e realiza o trabalho junto a mim e para também, entender o modo com o qual me relaciono com o grupo de pessoas que protagoniza este trabalho, seguirei as noções de Joseli Maria Silva, acerca também, das contribuições de Dooren Massey, onde se compreende o papel da produção de uma geografia feminista, não somente por se tratar de um trabalho protagonizado por mulheres, mas também, trazendo a raiz do sentido de uma pesquisa feminista em sua maneira de ser feita, “Os corpos importam nas experiências espaciais e também nas práticas de pesquisa.”(SILVA, 2017, p.13) e:

[...] uma pesquisa feminista tem o dever de pensar que os limites e fronteiras que são estabelecidos pela tradição epistemológica não são dados, mas são humanamente construídos, gerando consequências na visibilidade de determinados grupos sociais. As geografias feministas devem estar atentas para encontrar as lacunas e as razões das ausências, reinventando formas de combater a realidade espacial por meio do tensionamento dos conceitos e métodos já concebidos. (SILVA, 2017, p. 15)

Reafirmando aqui uma produção/pesquisa/escrita referenciada metodologicamente na geografia feminista, há também, em especial, uma proposta feminista que dialogue com o feminismo negro. Para fugir da reprodução de um discurso feminista, mas não antiracista, pautado em um feminismo liberal, eurocêntrico e branco, reproduzindo um discurso feminista, mas não antiracista, me debruço na obra da grande professora e autora Lélia Gonzales. Com destaque para as contribuições presentes em *Por um feminismo afrolatino americano*, como:

Exatamente porque tanto o sexismo como o racismo partem de diferenças biológicas para se estabelecerem como ideologias de dominação. Surge, portanto, a pergunta: como podemos explicar esse “esquecimento” por parte do feminismo? A resposta, em nossa opinião, está no que alguns cientistas sociais caracterizam como racismo por omissão e cujas raízes, dizemos, estão em uma visão de mundo eurocêntrica e neocolonialista. (GONZALEZ, 2020, p.141)

No que se refere ao território, este é entendido como integrante da quinta dimensão do espaço de Milton Santos (1996), sendo esse o espaço de todos os homens (e mulheres), de todas as instituições, de todas as empresas e de todos as ações, reunidos na dimensão do cotidiano. O território inserido do cotidiano, sendo esse múltiplo, complexo e plural. Não apenas a definição da geografia clássica para o tal, mas sim o entendendo através das relações dadas no cotidiano. Essas relações afetivas e vividas, são o espaço também das microterritorialidades, como são as praças, parques e, neste trabalho, com destaque para os campinhos de futebol. Os microterritórios, segundo Benhur Pinós da Costa, podem ser entendidos como:

[...] constroem-se microterritórios internos, ou seja, a apropriação e a especialização de pequenos lugares por determinados e diferenciados processos de convivência social. A territorialização constrói-se pela presença do grupo que singulariza determinada parte do espaço por suas práticas culturais. [...] As micro territorializações que se produzem no espaço urbano estão representadas pelos processos de identificação que se produzem e se reproduzem pelas práticas culturais do microagregado socioespacial em diferenciação com outros. Defendemos que cada agregado social territorializado no espaço urbano é constituído por sua identificação coletiva e sua cultura. (COSTA, 2008, p.182)

Além do território e os microterritórios, concretos e imaginários, o corpo negro também é compreendido como território. Este se relaciona, interage e troca com os demais presentes no espaço, de modo a dar significado a esses contatos. O

Corpo-Território passa a enraizar em si um território de saberes, ancestrais e que se constroem diariamente, com expressões vívidas:

[...] entender o que está ao seu redor a partir do seu próprio corpo, de si mesmo, sua posse sobre o seu corpo, assim como uma territorialidade em constante movimento que para onde se desloca carrega consigo toda a bagagem cultural construída ao longo das suas trajetórias. O corpo é o lugar zero do campo perceptivo, é um limite a partir do qual se define o outro, seja coisa ou pessoa. “O corpo serve-nos de bússola, meio de orientação com referência aos outros. Quanto mais livre sente-se um corpo, maior o alcance desse poder de orientar-se por si mesmo, por seus próprios padrões. (SODRÉ, 2003, p. 135).

[...]Essa visão possibilita que grupos subalternizados consigam se dá conta de que os padrões engendrados pelo sistema dominante coordenam as suas ações corporais. Determina a sua forma de agir, de se relacionar com o outro, posto que o corpo assimila regras e normas condizentes com o que é instaurado de “cima para baixo” [...]. (MIRANDA, 2014, p. 69-70)

No que diz respeito a quilombos no Brasil, das colaborações do professor e poeta Abdias do Nascimento, quando para este “Quilombo passou a ser sinônimo de povo negro, de comportamento do africano e de seus descendentes e esperança para uma melhor sociedade. Passou a ser sede interior e exterior de todas as formas de resistência cultural.” (NASCIMENTO, 2008, p.89). Bem como, das noções de quilombo como um lugar de permanência, existência e resistência, trazidas pela historiadora e professora Maria Beatriz do Nascimento:

O quilombismo busca o presente e o futuro e atua por um mundo melhor para os africanos nas Américas, reconhecendo que esta luta não pode se separar da libertação dos povos indígenas também igualmente vítimas de racismo e da destruição desumana. (NASCIMENTO, 1991, p. 21 - 26, apud. LEITE, 1999, p. 139)

A partir do entendimento de educação antirracista de Renato Emerson dos Santos juntamente com a concepção de educação territorial de Costa e Maciel, se visa o ensino de Geografia territorial antirracista. É de suma importância evidenciar as disputas e lutas pela permanência nos territórios aos quais a população negra e quilombola está submetida. Assim como, a forma de sua apropriação sobre o território para possibilitar um ensino antirracista, que valorize, reafirmando as existências e resistências á essas disputas e os muitos processos históricos, geográficos, culturais da população negra sobre o espaço para a construção de uma educação territorial antirracista.

Ainda no que concerne a procura de uma educação antirracista, é necessário compreender o racismo na sua maneira institucional e estrutural. A modo de vê-lo nas relações, além de sua representação individual, mas também, como uma reprodução da sociedade, que legitima o racismo e que o reverso, é ele não existir, conforme Silvio Luiz de Almeida:

Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. (ALMEIDA, 2020, p. 50)

3.1 O futebol e a geografia

Os passes entre futebol e a geografia estão estreitamente ligados, seja no futebol visto como um produto de investimento em um mercado milionário, ou então, no futebol de várzea, que o presente trabalho destaca. Logo, o lugar do futebol na geografia, é um uma constância. É o futebol - e/ou outros esportes - que proporcionam, muitas vezes, as primeiras relações coletivas de uma criança. O futebol que ocorre na família, no bairro, na escola e por onde mais houver um campo, demarcado por uma linha, concreta ou imaginária, por duas goleiras, com traves ou feita com chinelos, uma bola, cheia ou meio cheia e a constante vontade de jogar futebol. Diante destas relações e do potencial para estas, visto no futebol, Fernando Rosseto Gallego Campos (2006) discute a importância da geografia aguçar seu olhar para o futebol:

É fundamental que a Geografia dê mais atenção para o futebol, pois este é um importante elemento da sociedade brasileira, tanto sob sua dimensão esportiva quanto cultural, social, identitária e até mesmo espacial. O futebol faz parte do cotidiano dos brasileiros, que manifestam através dele sua cultura e sua visão do espaço. Ele constrói territorialidades próprias, apropriando-se de elementos simbólicos. (CAMPOS, 2006, p.4)

Este espaço de representação do futebol ajuda os indivíduos a dar sentido a sua vida social, pois o futebol, no Brasil, extrapola seus significados esportivos, invadindo com enorme força o campo cultural e social, construindo paisagens, relações e símbolos. Tais elementos dizem muito sobre a cultura de uma determinada sociedade, pois são produtos de tal cultura. Assim sendo, o espaço de representação do futebol não é um conceito limitado exclusivamente para o estudo do futebol como esporte, mas como expressão social e cultural, podendo ser apropriado por qualquer estudo cujo objeto é a cultura e a sociedade em nível mundial, nacional, regional, estadual ou municipal. (CAMPOS, 2006, p.12)

As relações empregadas no futebol produzem e reproduzem expressões culturais de um determinado lugar. No Brasil, o futebol pode ser considerado um importante elemento de expressão da cultura brasileira na sociedade. O futebol ultrapassa o visível e se torna no imaginário, um lugar de perspectivas, afetos, ginga e arte. Assim como, pode ser considerado uma possibilidade de ascensão social. É na coletividade do futebol, que muitos sonhos começam a ser sonhados, como na imagem a seguir, onde os alunos e as alunas da Escola 9 de Outubro, ao vencerem a primeira etapa do campeonato Guri e Guria Boa de Bola, sonharam e coube a mim (blusa rosa, canto inferior da imagem), sonhar pela primeira vez. Afinal, quem nunca sonhou em ser uma jogadora de futebol? (Imagem 4)

Imagem 4 —Sonhando em ser uma jogadora de futebol.



Fonte: Arquivo da autora. (2010)

4. O FUTEBOL COMO MEIO DE CAMPO PARA A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA A PARTIR DO QUILOMBO DA FAMÍLIA FLORES

“[...] quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso.”

(Chimamanda Ngozi Adiche)

Para compreender o futebol como meio de campo para educação geográfica, ou seja, como uma linguagem para a educação geográfica, partimos de uma visão desta educação como um processo de socialização. Este processo pedagógico, pode ser identificado de diversas maneiras e em diferentes lugares, como é o caso do presente trabalho, que traz o futebol do Quilombo da Família Flores como uma prática da educação geográfica que é construída em territórios e nas relações que perpassam este território, de modo a ultrapassar os muros da escola e o engessamento das salas de aula.

A educação geográfica construída nas ruas, praças, bairros e demais territórios e microterritórios, se singulariza e se diferencia então, do ensino de geografia, de modo a ultrapassar o ambiente escolar, se encontrando nos demais espaços de sociabilidades:

Enquanto o ensino pode ser entendido como uma forma sistemática de transmissão de conhecimentos, que encontra na instituição escolar o seu meio mais usual, a educação enfatiza um processo de socialização que inclui o ensino escolar sem se resumir a esse, processo presente em todas as sociedades através do tempo, inclusive naquelas em que não existe ou não existiu a instituição escola. (REGO & COSTELLA, 2019, p.2)

Como visto anteriormente, nas memórias e lutas em relação ao Campo do Caveira, o futebol no Quilombo da Família Flores sempre esteve presente como uma prática esportiva de sociabilidade do quilombo no bairro Glória, de resistência e de afirmação territorial da comunidade. Atualmente, essa prática é reconhecida no protagonismo da liderança quilombola Geneci de Lourdes Flores (Imagem 5), como professora de futebol feminino e masculino, no Projeto Geração Tigres F.C..

É a partir da prática pedagógica de Geneci, como professora de futebol, que encontramos uma linguagem para a educação geográfica, feita no campo, no bairro e no quilombo. Ao assumir como mulher quilombola, o papel de professora de

futebol masculino e feminino, Geneci ultrapassa os passes de futebol e inicia também, os passes do educar geográfico.

Imagem 5 —Geneci de Lourdes Flores, em protesto acerca dos impactos da COVID-19 no Quilombo da Família Flores.



Fonte: Atlas da Presença Quilombola em Porto Alegre. (2021)

A educação geográfica descrita aqui, tem seu pontapé inicial no Corpo-Território, este que traz o entendimento do espaço a partir do local onde o corpo está e onde ele se relaciona. É o Corpo-Território que dá significado e interpretações às coisas e se relaciona com estas. Assim, o corpo passa a ser rico de saberes construídos e enraizados em si, de modo a se manifestar e transitar por onde se desloca, atingindo então, outros corpos. Ao gingar no campo de futebol, a partir do corpo, Geneci educa ao passo que ensina os dribles de campo e de vida, afirmando seu corpo feminino, negro e quilombola. A geografia se evidencia no que tange às relações expressas por meio deste corpo, que adentram o campo como manifestações de liderança, resistência e sobrevivência em um Estado que ataca, através de uma política discriminatória velada e às vezes nem tão velada diariamente.

Aos finais de semana, Geneci se desloca do Quilombo da Família Flores em direção ao campinho do Centro Comunitário do Bairro Glória, que está localizado na rua Professor Carvalho de Freitas, 1012 (Figura 5).

Figura 5 — Mapa de deslocamento de Geneci no Bairro Glória.



Imagem 6 — Treino do time de futebol do Projeto Geração Tigres F.C.



Fonte: Atlas da Presença Quilombola em Porto Alegre. (2021)

Lá, ela ministra aulas de futebol para crianças dos cinco aos quatorze anos do Projeto Geração Tigres F.C., (Imagem 6), participa e organiza campeonatos de futebol, além de atuar e apoiar os demais projetos sociais vinculados aos Tigres. O Projeto existe há mais de 14 anos, idealizado por Marco Aurélio, o Gica.

Ao se deslocar pelo bairro Glória para chegar até o campo onde treina a equipe de futebol, a liderança quilombola carrega consigo as marcas do território do Quilombo da Família Flores, aquilombando o esporte. Educando geograficamente a partir do futebol, de modo que, além de seu Corpo-Território que compreende diversos saberes, as relações entre o Quilombo da Família Flores e o bairro Glória também se evidenciam e afirmam as contribuições do quilombo para com o bairro. O campinho, passa a ser o lugar do futebol para aquelas crianças e adolescentes, bem como, o lugar de educadora de Geneci.

Frequentemente, quando se trata de times mistos, são homens que treinam as equipes e a presença feminina no time é tida como exceção. É na possibilidade de se enxergar em uma papel de destaque, que Geneci também educa. Ao assumir o papel de professora, em um esporte majoritariamente masculino, ela assume e manifesta a representatividade da mulher no futebol. Para as atletas, ter uma professora promove uma equidade e conforto nas relações dentro e fora de campo, de modo a influenciar na permanência e na credibilidade no esporte como via

educadora e promissora no futuro. Para os atletas, ter uma professora de futebol, propicia uma educação não sexista, cuja esta, atua na desconstrução de uma educação machista. Através do afeto empregado por Geneci nas relações dadas no futebol, a liderança contribui para a educação e construção de uma sociedade menos sexista e para que, meninas possam se ver em um lugar de destaque no futebol e para que meninos, tenham no futebol, uma maneira de escapar de uma machismo que também os prejudica.

Nas diversas possibilidades da educação geográfica e das geografias, os territórios tradicionais e neste caso, um território quilombola, passa a ser um território pedagógico. É preciso aguçar um olhar decolonial, reconhecendo a prática da educação geográfica para além do modo educacional tradicionalmente binário, encarando então, os demais caminhos e encantos como maneiras de educar, à medida que também é educado. A prática e valorização do diálogo na construção de um território pedagógico (HOOKS, 2017), deve ser tomado como percurso dessa necessária atualização da geografia, para que ao somar maneiras de fazer o educar, os conhecimentos subjugados passem a serem vistos e ouvidos, ultrapassando o carrego colonial (RUFINO, 2019), compreendendo o que é apreendido através do drible, da ginga e do cruzo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Descobrir conhecimentos subjugados e tomar posse deles é um dos meios pelos quais as histórias alternativas podem ser resgatadas. Mas para transformar radicalmente as instituições educacionais, esses conhecimentos têm de ser compreendidos e definidos pedagogicamente não só como questão acadêmica, mas como questão de estratégia e prática.”

(bell hooks, 1994)

Tendo em vista os objetivos iniciais deste trabalho, ou seja, analisar e compreender o futebol como uma linguagem para a educação geográfica, a partir do Quilombo da Família Flores, nas relações para com bairro Glória e a possibilidade de uma educação antirracista e não sexista, foi possível encontrar elementos no decorrer da narrativa de Geneci que contribuem para essas perspectivas. Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, entre atividades de campo e revisões bibliográficas, se torna evidente o papel do futebol nos âmbitos em que o trabalho buscou encontrar indagações e respostas.

Com a instantaneidade das coisas e das relações, acentuadas pela pandemia de COVID-19, é urgente que seja desvendado pela docência, diferentes linguagens para a educação. Neste caso, para a educação geográfica, é de grande colaboração que, em práticas como o futebol, sejam consideradas maneiras de educar, valorizando as relações dadas dentro de campo, bem como, a valorização das práticas dadas no cotidiano destes sujeitos que se deslocam até os campinhos e quadras e então, novas linguagens para a educação geográfica, como o futebol, apontado neste trabalho, como uma possibilidade educação enquanto o jogo está sendo jogado. Compreendendo assim, esses passos como a formação de um território pedagógico, que educa quando se desloca, ginga, dribla e se afirma, para que ultrapasse o ensino quadrado, conteudista e decoreba da geografia, à medida que de fato, a geografia se relacione e seja vista no dia-a-dia.

Frente aos constantes ataques aos quilombos urbanos de Porto Alegre e aqui exposto, ataques ao Quilombo da Família Flores, seja de origem individual, de instituições e/ou do Estado brasileiro, vemos nas relações dadas através do futebol e do engajamento de Geneci em atividades vinculadas a projetos sociais uma forma de se reafirmar como cidadã da cidade e principalmente, evidenciar as colaborações

do quilombo para com o bairro e o município. Além das presenças atuais, também demonstra-se os vínculos antigos com o bairro Glória, como o Campo do Caveirinha, de modo a estabelecer um fio condutor entre paisagem e memória do bairro que passam pelo território do Quilombo da Família Flores.

A fim de também, encontrar nas práticas de Geneci, caminhos para uma educação antirracista e não sexista, é notório como o afeto empregado nas relações pode aproximar quem aprende de quem ensina, e vice-versa. Assim, através do que se vê — neste caso, um corpo negro, quilombola e feminino ensinando futebol — um espelho para um cenário possível. Um corpo tido como minoria, num papel de destaque, que expressa por entre suas palavras e atos para com o futebol, seus saberes e conhecimentos, de uma soma vinda de sua ancestralidade até o que se constrói no presente.

Ainda, ressalto a importância do trabalho para o Quilombo da Família Flores, reafirmando a existência da comunidade, os saberes do território e as contribuições do quilombo na cidade. A partir da visibilidade da comunidade em uma instituição de ensino, bem como, da manutenção da legitimação do território do quilombo, com a participação deste na construção dos conhecimentos geográficos.

Assim, espera-se que o trabalho possa contribuir para uma educação geográfica que valorize os conhecimentos presentes nos territórios tradicionais, na intenção de construir uma educação antirracista e decolonial, que encontre nos saberes subjulgados, alternativas e estratégias para subverter uma educação colonial e patriarcal. Bem como, para destacar as geografias presentes nos corpos, nos saberes e nos territórios, que infelizmente, são silenciados e invisibilizados constantemente pela sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL DE FATO. “Nossa história, nossa ancestralidade”: conheça a história do quilombo Flores de Porto Alegre. Porto Alegre, 2022. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2022/07/02/nossa-historia-nossa-ancestralidade-conheca-a-historia-do-quilombo-flores-de-porto-alegre>. Acesso em 14 set. 2022.

CAMPOS, Fernando Rosseto Gallego. FUTEBOL E GEOGRAFIA: POSSIBILIDADE DE APREENSÃO ATRAVÉS DO CONCEITO DE ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO DO FUTEBOL. 2006. Disponível em: <http://www.neer.com.br/anais/NEER-1/comunicacoes/fernando-gallego.pdf>. Acesso em: 10 set 2022.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. Texto contexto - enferm., Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684, Dez. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072006000400017&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 7 set. 2022

COSTA, Benhur Pinós in: HEIDRICH, A. L. et al A emergência da multiterritorialidade. Porto Alegre: Editora da Ulbra; UFRGS Editora. 2008, p. 177-199.

COSTA, Benhur Pinós da; MACIEL, Jaqueline Lessa. O Território como conceito-chave na educação ambiental – reflexões a partir do projeto comunitário “Jardim Botânico e a comunidade: preservando a flora nativa”. Boletim Gaúcho de Geografia, Porto Alegre, n. 31, out. 2006

DERIVAS, Allas. Esbulho possessório no Quilombo Flores. Porto Alegre, 2021. Disponível em <https://derivajornalismo.com.br/post/esbulho-possessorio-no-quilombo-dos-flores-10-05-2021/>. Acesso em 24 out. 2022

DOREEN, Massey. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. Tradução: Rogério Haesbaert. In: GEOgraphia - Ano 6 - N° 12:Rio de Janeiro, 2004.

GONZALEZ, Lélia in: RIOS, F. & LIMA, M. (Orgs). POR UM FEMINISMO AFROLATINO AMERICANO. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Método e metodologias na pesquisa das geografias com cultura e sociedade. In: HEIDRICH, A. L. & PIRES, C. L. Z. (orgs.). Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em Geografia e saberes sobre espaço e cultura. Porto Alegre: Editora Letra1, 2016, p. 15-33. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/149930/001007751.pdf?sequence=1>. Acesso em: 22 ago. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. “O NEGRO DO POMBA QUANDO SAI DA RUA NOVA, ELE TRAZ NA CINTA UMA COBRA CORAL”: OS DESENHOS DOS CORPOS-TERRITÓRIOS EVIDENCIADOS PELO AFOXÉ POMBA DE MALÊ. 2014 Disponível em <http://tede2.uefs.br:8080/bitstream/tede/97/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Eduardo%20O%20Miranda.pdf>. Acesso em: 25 ago 2022.

NASCIMENTO, Abdias. O Quilombismo. In: CARTA; falas, reflexões, memórias. Informe. Brasília: Gabinete do Senador Darcy Ribeiro, 1991.

NASCIMENTO, Beatriz in: NASCIMENTO, E. L. (org). CULTURA EM MOVIMENTO Matrizes africanas e ativismo negro no Brasil - Coleção Sankofa - Volume 2. 2008, p. 89.

OLIVEIRA, Camila Guterres Casses; GOELLNER, Silvana Vilodre in: GUAZELLI, C. A. B. et al. A SOMBRA DAS CHUTEIRAS MERIDIONAIS. 2021, p. 149-277.

PIRES, Claudia Luisa Zeferino; BITENCOURT, Lara Machado (Orgs). Atlas da presença quilombola de Porto Alegre. 2021. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/248507>. Acesso em 03 out 2022.

PIRES, Claudia Luisa Zeferino; BITENCOURT, Lara Machado; FLORES, Geneci de Lurdes; FLORES, Gerson; FLORES, Gustavo; VASCONCELOS, João Batista da Costa; MELLO, Nara Maria Vasconcelos de; FLORES, William; et al. Quilombo da

Família Flores. In: PIRES, Claudia Luisa Zeferino; BITENCOURT, Lara Machado (Orgs). Atlas da presença quilombola de Porto Alegre. 2021. p. 253-281. Disponível em <https://www.editoraleta1.com/epub/978-65-87422-19-0/>. Acesso em 14 set 2022.

REGO, Nelson; COSTELLA, Roselane Zordan. EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E ENSINO DE GEOGRAFIA, DISTINÇÕES E RELAÇÕES EM BUSCA DE ESTRANHAMENTOS. Boletim NEPEG de Ensino de Geografia. Signos Geográficos, Goiânia - GO, V.1, 2019. Disponível em <https://revistas.ufg.br/signos/article/view/59454/33366>. Acesso em 14 set. 2022.

SANTOS, Milton de Almeida. Por uma geografia cidadã: por uma epistemologia da existência. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/38613/26350>. Acesso em: 05 set. 2022.

SANTOS, Renato Emerson dos. O ensino de Geografia do Brasil e as Relações raciais: reflexões a partir da Lei 10.639. In: _____ (Org.). Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: o negro na Geografia do Brasil. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2007.

SILVA, Maria Joseli et al. “Não me chame de senhora, eu sou feminista!” posicionalidade e reflexibilidade na produção geográfica de Doreen Massey. Disponível em <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13796/8996>. Acesso em: 05 set. 2022.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 2005.

